

Imperialismo econômico, imperialismo reverso e interdisciplinaridade: uma análise das fronteiras da Economia

Ariana Stephanie Zerbinatti[†]

Resumo

Este artigo tem como objetivo debater as alterações nas fronteiras da ciência econômica decorrentes da importação e exportação de conteúdo para outras disciplinas. Foram estudados alguns trabalhos que buscaram quantificar esses processos, por meio de análises de citações em periódicos científicos e questionários. Os resultados foram tratados à luz dos conceitos de interdisciplinaridade, imperialismo econômico e imperialismo reverso. Além disso, também foram discutidas questões como o grau de homogeneidade da ciência econômica atual e se o crescimento do imperialismo econômico tem ocorrido antes mesmo da formação de um consenso interno na Economia. Pode-se concluir que, em termos de conteúdo, o *mainstream* da Economia está mais heterogêneo do que há duas décadas atrás. Entretanto, o núcleo da ciência econômica mantém-se unido por conta do crescimento do empirismo, que tem propiciado um aumento do imperialismo econômico.

Palavras-chave: Imperialismo econômico. Imperialismo reverso. Interdisciplinaridade. Pluralismo.

Abstract

This study aims to discuss the changes in frontiers of economic science arising from the import and export of content to other disciplines. Some papers were studied that sought to quantify these processes, through citations in scientific journals analysis and questionnaires. The results were treated considering the concepts of interdisciplinarity, economics imperialism and reverse imperialism. In addition, issues such as the degree of homogeneity of the current economy and whether the growth of economic imperialism has occurred even before the formation of an internal consensus in economics were also discussed. It can be concluded that in terms of content, the mainstream is more heterogeneous than it was two decades ago. However, the core of economic science remains united because of the growth of empiricism, which has led to an increase in economics imperialism.

Keywords: Economics Imperialism. Reverse Imperialism. Interdisciplinarity. Pluralism.

[†] Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Economia da Universidade Federal do ABC (PPG-Economia UFABC).

1. Introdução

Uma ciência é considerada estável quando seus domínios estão bem definidos, ou seja, quando seus interesses e temas centrais e sua metodologia estão estabelecidos. Isso também diz respeito à definição de suas fronteiras em relação às demais disciplinas, que pode resultar em um maior ou menor grau de isolacionismo (NEVES, 2017). Nesse contexto, a ciência econômica foi tida como insular até aproximadamente os anos 2000 (e ainda é vista dessa forma por muitos pesquisadores, como Fourcade, Ollion e Algan, 2015), com importação de conteúdo de outros campos do conhecimento relativamente baixa, quando comparada às das demais ciências sociais e à própria exportação de temas para outras áreas do conhecimento.

Entretanto, nas últimas décadas, as fronteiras da Economia enquanto ciência têm sofrido transformações não desprezíveis, com o aumento da interdisciplinaridade. Como destacado por Davis (2007), os novos programas na ciência econômica se originaram de outras ciências. Ademais, trabalhos como o de Angrist et al. (2017) têm apontado para uma maior citação de estudos de Economia por outras áreas, sinalizando que o processo inverso também tem crescido no mesmo período. Essas trocas de conhecimento implicam em modificações profundas das hipóteses, conceitos e práticas em Economia, propiciando, em alguns casos, o surgimento de novas áreas e subdisciplinas (NEVES, 2017).

Essa discussão acerca das mudanças nas fronteiras da Economia é importante, visto que esse crescimento da exportação de conteúdo tem ocorrido simultaneamente à ampliação da importação de ideias e ferramentas de outras ciências, divergindo, pelo menos em alguma medida, do período do “imperialismo econômico”¹ em que apenas o pensamento neoclássico era dominante, no qual a Economia aparentava ser relativamente mais homogênea que nos dias atuais.

Diante disso, este artigo tem como objetivo debater essas alterações na fronteira da ciência econômica e em sua permeabilidade, a partir de trabalhos que buscaram quantificar esses processos de importação e exportação de conteúdo, à luz dos conceitos de multidisciplinaridade², imperialismo econômico e imperialismo reverso presentes em trabalhos como os de Davis (2006, 2007 e 2015), Laezar (1999) e Fernandez (2012). Além disso, também será discutido o grau de homogeneidade (ou de heterogeneidade) da ciência econômica, e se ela está passando por um novo processo, no qual a expansão de temas econômicos a outras disciplinas tem ocorrido antes mesmo de haver um consenso interno na Economia.

O trabalho contém quatro seções além da introdução: a primeira apresenta e descreve os conceitos de multidisciplinaridade, imperialismo econômico e imperialismo reverso exibidos em

¹ O termo está associado ao uso da lógica e métodos da Economia em outras áreas do conhecimento (ver seção 2) e é atribuído a Ralph William Souter, que o teria introduzido na década de 1930 (Fine, 2000).

² Neste trabalho, os termos interdisciplinaridade e multidisciplinaridade são tratados como sinônimos.

Davis (2006, 2007 e 2015) e a defesa do imperialismo econômico de Laezar (1999); a segunda mostra os principais resultados e conclusões de alguns trabalhos selecionados que tratam sobre a interdisciplinaridade e a terceira discute o grau de homogeneidade ou heterogeneidade da ciência econômica no período atual, bem como compara e analisa os resultados dos estudos apresentados no item anterior. Por fim, a última seção conclui o artigo.

2. Imperialismo, imperialismo reverso e interdisciplinaridade

O relativo isolamento da Economia em relação às outras ciências sociais, como a sociologia, a psicologia e a ciência política, teve origem no período que sucedeu a Segunda Guerra Mundial, com o afastamento da história e a aproximação de disciplinas das ciências naturais, como a física³. A partir da década de 1950, contudo, a ciência econômica passou a se interessar por temas que, até então, eram tratados por outras ciências sociais (FOURCADE, OLLION E ALGAN, 2015).

Segundo Davis (2006), as fronteiras da Economia podem ser expandidas com a exportação de conteúdos para outras áreas do conhecimento, enquanto podem se contrair com a importação de temas de outras disciplinas. O primeiro fenômeno é conhecido como imperialismo econômico, ao passo que o segundo é chamado de imperialismo reverso.

O imperialismo econômico está relacionado com a aplicação da racionalidade neoclássica e dos instrumentos de análise econômica para as demais ciências sociais, em assuntos que não guardam relação com o mercado, como, por exemplo, criminalidade e discriminação racial. Um de seus pioneiros foi o economista Gary Becker, ganhador do Prêmio Nobel de Economia⁴ em 1992 e professor da Universidade de Chicago (DAVIS, 2015; NEVES, 2017). Dentre as principais obras que deram origem ao imperialismo, podemos citar *The Economics of Discrimination* (1957) e *A Treatise on the Family* (1981), de Becker; *An Economic Theory of Democracy* (1957), de Anthony Down; *The Calculus of Consent* (1962), de James Buchanan e Gordon Tullock e *The Logic of Collective Action* (1965), de Mancir Olson (MÄKI, 2009). De acordo com Neves (2017), o imperialismo econômico ainda é um projeto com impacto na disciplina econômica.

Esse imperialismo parte da premissa de que áreas com mais importação de conteúdo são relativamente mais heterogêneas (ou menos homogêneas) que campos com níveis mais baixos de importação, enquanto disciplinas com alto grau de exportação são relativamente homogêneas. Segundo essa visão, o imperialismo econômico seria um indicativo de consenso entre os economistas

³. Em sua obra intitulada *More Heat than Light: Economics as Social Physics, Physics as Nature's Economics*, Mirowski (1989) trata da aproximação da economia neoclássica da física, mais especificamente, da termodinâmica. Essa aproximação ocorreu na segunda metade do século XIX, antes mesmo do período no qual o imperialismo econômico tornou-se acentuado.

⁴ Prêmio Banco da Suécia para as Ciências Econômicas em Memória de Alfred Nobel.

em relação à teoria, à metodologia e aos conceitos utilizados, por exemplo. Isso não implica, contudo, na ausência total de divergências entre os economistas (DAVIS, 2006).

Dentre os defensores do imperialismo econômico, encontra-se Edward P. Lazear. Para ele, a Economia é a principal ciência social, que atrai não somente mais estudantes, mas também maior atenção de *policy makers*, jornalistas e dos demais cientistas sociais (LAZEAR, 1999). Lazear (1999) afirma que o sucesso da Economia é resultado de seu rigor, de sua relevância e de sua generalidade, pois o ferramental econômico pode ser utilizado na solução de uma grande variedade de problemas, advindos de diversos assuntos. Dessa forma, a Economia é capaz de traduzir conceitos complicados em termos relativamente simples e abstratos.

Em relação à linguagem rigorosa, o autor ressalta a importância de três aspectos fundamentais, ligados à economia neoclássica: (i) suposição de que os agentes são maximizadores, com comportamento racional; (ii) equilíbrio como parte importante de qualquer teoria e (iii) ênfase no conceito de eficiência. Já a habilidade de abstração é responsável por permitir que o economista consiga responder questões complexas (LAZEAR, 1999). Dessa forma, para Lazear (1999), a Economia é científica, pois segue métodos científicos de criar uma teoria formal refutável e frequentemente suportada pelos dados. Isso faz com que a ciência econômica seja bem-sucedida em áreas onde as outras ciências sociais falharam. Além disso, os economistas fazem uso de contrafactuais em suas análises, que não são utilizados pelas demais disciplinas sociais (LAZEAR, 1999).

Embora o poder da Economia seja derivado de seu rigor e capacidade de abstração, essas duas características também são fontes de sua fraqueza. As simplificações de hipóteses restringem a análise e limitam o foco do pesquisador. Para ele, isso explica o fato de que, em situações de imperialismo econômico, sociólogos, antropólogos e psicólogos podem ser melhores em identificar problemas, mas piores em prover respostas. Apesar disso, o autor considera que a parcimônia dos métodos para a resolução das questões dá vantagem às análises realizadas por economistas. Diante de tais conclusões, haveria para ele duas possibilidades para que os problemas fossem estudados da melhor forma (possibilidades essas que explicitam seu pensamento imperialista). A primeira seria que os cientistas políticos, sociólogos e demais cientistas sociais passassem a utilizar as ferramentas econômicas para solucionar problemas de suas áreas de interesse⁵, enquanto a segunda seria expandir as fronteiras da Economia (LAZEAR, 1999).

⁵ De fato, cientistas sociais de outras áreas do conhecimento passaram a fazer uso da lógica e do ferramental da ciência econômica em seus trabalhos. A título de exemplo, pode-se citar a influência da Economia na ciência política, mais especificadamente, no institucionalismo da escolha racional (um dos neo-institucionalismos, juntamente com o institucionalismo histórico e o sociológico). Segundo Théret (2003, p. 232), “(...) o institucionalismo da escolha racional não passa da extensão da nova economia institucional à Ciência Política”. Dentre os conteúdos importados da Economia,

Já o processo de imperialismo reverso gera mudanças estruturais na Economia, em seus âmbitos interno e externo. Externamente, provoca alterações nas fronteiras da Economia perante as outras ciências, ao passo que, internamente, pode modificar as relações ortodoxia-heterodoxia. Inicialmente, quando um conteúdo é importado de outro campo do conhecimento, ele é considerado heterodoxo. Em um segundo momento, a inclusão ou não desse tópico na ortodoxia altera o que é considerado ortodoxo ou não, transformando, portanto, essa relação centro-periferia da ciência econômica (DAVIS, 2007).

Além disso, o imperialismo reverso pode propiciar maior pluralismo na ciência econômica. Todavia, ainda conforme Davis (2006), há um viés de seleção na importação de conteúdo dos outros campos. Em muitos casos, essa importação é consistente com a abordagem neoclássica. Ademais, um argumento contrário ao pluralismo na Economia é a continuidade, a despeito do imperialismo reverso, da divisão entre *mainstream* e heterodoxia.

Para verificar se o viés de seleção é suficientemente forte para superar a pluralidade na Economia, Davis (2006) propôs um teste de inteligibilidade. Se os pesquisadores da mesma disciplina, mas de assuntos ou subáreas distintas, forem capazes de compreender os trabalhos um do outro, a ciência é mais homogênea. Caso contrário, é mais heterogênea ou pluralista. Assim, a interdisciplinaridade não é condição suficiente para atingir o pluralismo. Davis (2015) recomenda aos pluralistas tentarem evitar a defesa do pluralismo enfatizando apenas a diferença *per se*. Embora ideias distintas sejam importantes, é necessária uma base mais forte que a multidisciplinaridade é capaz de criar para alcançar o pluralismo.

O imperialismo reverso é pouco abordado por Lazear (1999), algo não contraditório, visto que faz defesa da ampliação das fronteiras da Economia, e não de sua redução. Há apenas um breve comentário de que o imperialismo econômico também é influenciado pelos efeitos que outros campos do conhecimento exercem na ciência econômica, mais notavelmente da psicologia, que teve seus experimentos incorporados em modelos econômicos (LAZEAR, 1999).

3. Citações e interdisciplinaridade

A presente seção apresenta alguns trabalhos selecionados que buscaram quantificar, seja por número de citações ou por entrevistas, os processos de imperialismos econômico ou reverso.

Em estudo recente, Angrist et al. (2017) buscaram mensurar as citações de artigos de Economia em trabalhos de outras dezesseis áreas, entre 1970 a 2015, escritos a partir de 1955. Elas foram comparadas com as citações de textos de outras ciências sociais (antropologia, ciência política,

encontram-se os conceitos de custo de transação, direito de propriedade e maximização da utilidade dos agentes (HALL E TAYLOR 2003).

psicologia e sociologia), considerando os periódicos principais de cada disciplina. Os dados apontaram para uma elevação importante das citações de Economia em outras áreas desde a virada do milênio. É interessante notar que, embora seja um trabalho que discuta a ampliação das fronteiras da Economia, foi utilizada uma ferramenta da ciência da computação para a coleta das informações (técnicas de *machine learning*), exemplificando, também, a influência crescente de outras áreas do conhecimento na ciência econômica.

Os autores encontraram que a Economia é a ciência social mais citada em sete das dezesseis disciplinas analisadas, e atualmente, com taxas de citações próximas as de sociologia. Dentre as ciências sociais, a Economia é a que exerce mais influência na ciência política e na sociologia. Além disso, a ciência econômica tem recebido mais atenção que a psicologia desde o início da década de 1990. (ANGRIST *et al.*, 2017).

Os resultados também mostraram um aumento das citações das demais ciências sociais nos trabalhos de Economia. Para os autores, há pouca evidência de insularidade na ciência econômica. As citações à psicologia e à sociologia têm crescido a partir de aproximadamente 1990, com ambas rodando a taxas ligeiramente acima de 1%. Em relação à psicologia, por exemplo, essa expansão reflete a influência simultânea entre essas duas áreas do conhecimento, com destaque para os avanços da Economia comportamental (ANGRIST *et al.*, 2017).

Os dados também exibiram um crescimento da pesquisa empírica em Economia, embora não verificado em todos os campos, que tem chamado atenção das disciplinas para as quais a ciência econômica é relevante. Esse aumento se deu de forma mais consistente a partir da década de 2000. Em 2015, por exemplo, cerca de 70% das referências realizadas foram a artigos empíricos. Esse papel do empirismo na expansão da exportação de temas variou entre as áreas analisadas. Dentre os campos cuja maior citação de Economia de fato se deu concomitantemente ao aumento da pesquisa empírica estão a psicologia, a saúde pública e a medicina. Em contrapartida, nas áreas de finanças, contabilidade e ciência política, essa influência atingiu seu ápice na década de 1980, período no qual o trabalho empírico era pouco desenvolvido (ANGRIST *et al.*, 2017).

Já Colander (2005) replicou, no começo dos anos 2000, o questionário aplicado inicialmente no final da década de 1980 nos principais centros de pós-graduação em Economia dos Estados Unidos (*University of Chicago, Columbia University, Harvard University, Massachusetts Institute of Technology, Stanford University, Yale University e Princeton University*). As questões se referiram, principalmente, às visões dos alunos sobre os conteúdos aprendidos no curso e sobre as habilidades necessárias a um economista.

Dentre os resultados, podemos citar o crescimento do número de pós-graduandos que consideravam o conhecimento de outras disciplinas como muito importantes, juntamente com a redução do percentual dos que julgavam esse conhecimento como não importante. A porcentagem

dos alunos que atribuíam grande importância ao conteúdo das demais áreas do conhecimento subiu de 3% para 9% entre as duas pesquisas, enquanto o dos que avaliavam como importante permaneceu praticamente estável, ao passar de 22% para 24%. Por conta disso, o percentual dos que não consideravam importante caiu de 68% para 51% (COLANDER, 2005).

Assim como em Angrist et al. (2017), a pesquisa apontou para uma elevação da importância dada ao trabalho empírico, cuja porcentagem de estudantes que consideravam importante esse tipo de abordagem se elevou de 16% para 30%. Simultaneamente a essa maior valorização do empirismo, foi atribuída uma menor relevância ao amplo conhecimento da literatura econômica, que oscilou de 43% para 35% dos alunos (COLANDER, 2005).

A despeito dessas alterações significativas, a pesquisa mostrou uma importância crescente da economia neoclássica, que continuava bastante forte no início da década passada. O percentual dos alunos que julgavam o pensamento neoclássico relevante para a Economia avançou de 34% para 44% entre a realização dos dois questionários. Também chama atenção o fato de que essa visão se acentuava ao longo do curso. No início da pós-graduação, a porcentagem dos entrevistados que consideravam a economia neoclássica relevante era de 37%, se elevando para 44% no decorrer do curso. No mesmo sentido, os que concordavam com a afirmação de que aprender economia neoclássica é equivalente a aprender um conjunto de ferramentas passou de 26% para 36%, na mesma base de comparação (COLANDER, 2005).

Esse aumento se deu concomitantemente à expansão do sentimento de superioridade dos economistas em relação às demais ciências sociais. O percentual dos estudantes que acreditavam que a Economia é a ciência social mais científica subiu no período, ao oscilar de 28% para 50%. Na Escola de Chicago, considerada berço do imperialismo econômico, essa porcentagem atingiu um patamar ainda mais elevado, de 69% (COLANDER, 2005).

Um trabalho que também discute essa questão de superioridade da Economia, na comparação com as outras ciências sociais, foi escrito por Fourcade, Ollion e Algan em 2015. O estudo considerou os vinte e cinco principais periódicos de Economia, sociologia e ciência política entre 2000 e 2009, comparando as citações entre essas ciências. A Economia foi considerada a ciência social mais insular dentre as disciplinas analisadas. Como exemplo usado pelos próprios autores, o percentual de citações⁶ do periódico *American Political Science Review* às principais revistas de Economia foi mais que cinco vezes superior ao da *American Economic Review* aos periódicos de ciência política mais importantes – 4,1% contra apenas 0,8%, respectivamente (FOURCADE, OLLION E ALGAN, 2015).

Ademais, é interessante observar que dentre as três ciências sociais consideradas na análise, a Economia foi a que apresentou a maior taxa de citações dentro da própria disciplina. Dentre as

⁶ Porcentagem de citações em relação ao total de referências.

citações realizadas pelo *American Economic Review*, 40,3% eram referentes aos vinte e cinco principais periódicos de Economia. Entretanto, apenas 22% das citações do *American Sociological Review* eram das revistas de sociologia mais conceituadas, enquanto o percentual encontrado para o *American Political Science Review* foi de 17,5% (FOURCADE, OLLION E ALGAN, 2015). Apesar disso, os autores mostraram que os economistas também citam outras disciplinas. Segundo eles, 19% a 25% das citações dos artigos dos cinco periódicos de Economia melhores avaliados foram referentes a outras áreas do conhecimento, nível que tem se mostrado estável desde a Segunda Guerra Mundial. Merecem destaque as áreas de matemática e estatística, que atingiram o ápice das citações nos trabalhos de Economia em meados de 1970 e têm declinado desde então, e finanças, cujas citações ultrapassaram as de estatística em 1990 e têm seguido trajetória ascendente (FOURCADE, OLLION E ALGAN, 2015).

4. Homogeneidade, interdisciplinaridade e imperialismos

Os trabalhos apresentados anteriormente trouxeram sinais distintos acerca do avanço do imperialismo reverso, do imperialismo econômico e da interdisciplinaridade, convergindo em alguns aspectos e divergindo em outros. A partir dos pontos mostrados na seção anterior, serão discutidas as transformações na fronteira da ciência econômica, bem como se houve ou não alteração do grau de homogeneidade da Economia nas duas últimas décadas.

Um dos principais pontos de convergência desses estudos é que a investigação das questões que eles se propuseram responder se deu apenas dentro do *mainstream* da Economia, ao considerarem os principais periódicos e centros de pós-graduação. Angrist et al. (2017), por exemplo, contabilizaram as extrações presentes nas 50 revistas mais citadas por periódicos relevantes em cada década desde 1970. Dessa forma, os textos não conseguiram mensurar a interdisciplinaridade fora da ortodoxia, não sendo possível, portanto, fazer afirmações sobre a evolução da multidisciplinaridade na heterodoxia, nem sobre seu estado atual, com base nos estudos anteriormente analisados.

Ainda que se saiba que o consenso em uma disciplina é formado dentro do *mainstream*, outra limitação dos trabalhos mostrados reside no fato de que eles ajudam a avaliar, no caso do imperialismo reverso, somente as modificações da fronteira da ortodoxia através de conteúdos advindos de outras áreas do conhecimento. Embora Davis (2007) mencione que os novos programas de pesquisa tiveram origem de outros campos e que, ao se importar assuntos de outras disciplinas, pode haver modificações nas relações internas de centro-periferia, nada podemos afirmar, baseando-se nesses trabalhos, sobre a ascensão para o *mainstream* de temas que eram genuinamente heterodoxos.⁷

⁷ Alguns autores tratam da relação entre o *mainstream* e a heterodoxia no contexto do pluralismo em Economia, como Colander (2010), Lee (2011) e Marqués e Weiseman (2010).

Além disso, o imperialismo econômico se não se dá apenas da ortodoxia para outras disciplinas, aparenta ser mais forte nessa direção, em comparação com a disseminação de conteúdo da heterodoxia para fora da ciência econômica, apesar de não haver informações suficientes para uma afirmação categórica. Como visto em Lazear (1999), os motivos atribuídos à exportação para as demais áreas se encontram no rigor formal e na capacidade de abstração, características próprias do *mainstream*. Outro aspecto apresentado por Lynn (2014) que reforça essa visão é a influência nas citações externas dos artigos já citados pela sua disciplina de origem. Em seu trabalho, que examinou as citações de artigos no período de 1985 a 2007 de seis campos do conhecimento (matemática, biologia celular, Economia, ciência política e sociologia e filosofia), a autora encontrou que tanto o prestígio do departamento de pesquisa como a quantidade de citações pela área de origem impactam positivamente as referências feitas pelos pesquisadores externos. Isso ocorre devido ao menor conhecimento do tema pelo externo, que busca os artigos mais citados sobre o assunto como forma de passar credibilidade para seu público. Dessa maneira, como os departamentos mais reconhecidos e artigos mais citados tendem a pertencer ao *mainstream*, o estudo corrobora essa percepção de que o centro da Economia seja o maior responsável pelo imperialismo econômico.

Também merecem ser discutidos os resultados encontrados por Angrist et al. (2017) e Fourcade, Ollion e Algan (2015). Enquanto o primeiro estudo apontou para um crescimento das citações de outras áreas pelos economistas, o segundo mostrou a Economia como uma ciência fechada, com maiores citações internas e se referindo pouco às demais ciências sociais. À primeira vista, as conclusões parecem ser totalmente contraditórias. Mas será que são de fato? É importante lembrar que o trabalho de Angrist et al. (2017) também analisa as citações de várias áreas do conhecimento (matemática, estatística, medicina, dentre outras), não apenas das ciências sociais. Assim, após um olhar mais atento, a combinação dos dois resultados parece sugerir que a Economia é uma ciência com maior interdisciplinaridade para com as demais disciplinas (das ciências exatas e biológicas) e mais insular em relação às outras ciências sociais.

Essa conclusão está alinhada com a percepção dos economistas sobre eles mesmos, de que são superiores aos demais cientistas sociais. Para Fourcade, Ollion e Algan (2015), a melhor posição financeira dos economistas (que recebem salários maiores, em média, que os de sociólogos, antropólogos, psicólogos, matemáticos e físicos, por exemplo) e a maior ênfase em métodos quantitativos (muitas vezes interpretada como sinal de capacidade intelectual mais elevada) estão por trás do pensamento de que a Economia está acima das outras ciências sociais. Essa ideia gera autoconfiança dos economistas, fazendo com que a expansão imperialista da Economia ocorra de maneira assimétrica nas ciências sociais, com pouca importação do conteúdo dessas áreas. É interessante notar que nas pesquisas realizadas por Colander (2005), a maior alteração no percentual

de respostas se deu justamente na questão referente à superioridade da Economia, que subiu de 28% para 50% entre o final da década de 1980 e o início do ano 2000.

Ainda de acordo com Fourcade, Ollion e Algan (2015), nem mesmo o crescimento da atenção dada a microeconomia aplicada aumentou a interdisciplinaridade dentro da Economia. Ao tratar de temas tradicionalmente associados à sociologia, ciência política e psicologia, os economistas utilizam suas próprias técnicas de análise. Como os economistas têm cuidado para preservar o núcleo da disciplina mais unitário que as demais ciências sociais, é mais fácil para elas fazerem referência à Economia que o contrário.

Ademais, esse intercâmbio assimétrico entre a Economia e as demais ciências sociais se deu simultaneamente ao aumento da importância atribuída ao pensamento neoclássico, como apresentado por Colander (2005). Esse crescimento indica que a interdisciplinaridade e a pluralidade, mesmo dentro do *mainstream*, têm avançado de forma gradual nos últimos anos. Essa ampliação não se deu apenas entre as décadas de 1980 e 2000, mas também considerando os alunos de pós-graduação dos grandes centros de pesquisa antes e depois do início de seus estudos no começo da década passada, sugerindo que o ensino da economia neoclássica exerce influência significativa sobre os futuros pesquisadores. A manutenção do elevado patamar dos estudantes que consideram que o conhecimento de outras disciplinas não é importante, a despeito da elevação do percentual dos que julgam ser bastante importante, também fortalece essa visão de maior importância atribuída a essa escola do pensamento econômico.

Um aspecto apontado por Angrist et al. (2017) e Colander (2005) que merece atenção é a expansão do trabalho empírico desde os anos 1970 e 1980. Esses resultados estão alinhados com as conclusões de Fernandez (2012). De acordo com ele, diversos autores têm apontado para uma virada pragmática na Economia, que seria equivalente a abordagens baseadas na econometria, atendendo ao critério de formalidade prezado pelos economistas considerados do *mainstream*, como registrado em Laezar (1999). Os avanços tecnológicos e computacionais permitiram que questões que não eram anteriormente exploradas fossem consideradas. Dessa forma, segundo ele, emergiu-se uma nova forma de imperialismo econômico: o imperialismo econométrico, que consiste em utilizar ferramentas de econometria para investigação de problemas, até mesmo em temas dos quais os economistas não possuem conhecimento. Para ele, dois problemas surgem do crescente uso de econometria na pesquisa econômica: (i) considerar apenas o trabalho empírico como relevante e (ii) confundir significância estatística com significância econômica.

Segundo Davis (2006), são a importação e exportação de conteúdo de outras disciplinas que explicam a alternância entre unicidade e pluralismo na Economia. Os estudos apresentados e discutidos neste trabalho mostraram avanços dos imperialismos econômico e reverso nas últimas décadas, responsáveis por provocar alterações na fronteira da ciência econômica. Apesar do

crescimento da interdisciplinaridade dentro da Economia, e, portanto, do maior grau de heterogeneidade na ortodoxia, houve um aumento do imperialismo econômico no período, inclusive maior que o do imperialismo reverso.

Essa divergência do imperialismo atual em relação ao período em que o pensamento neoclássico era dominante (embora, conforme Colander (2005), sua importância seja considerada crescente) é explicada, pelo menos parcialmente, pela expansão do trabalho empírico. Ainda que haja uma pluralidade de temas investigados pela Economia, o ferramental econométrico garante a coesão de seu núcleo, permitindo que o imperialismo econômico ocorra de forma mais disseminada e concomitantemente à maior interdisciplinaridade.

Por fim, os trabalhos analisados sugerem que a multidisciplinaridade é maior em temas das áreas das ciências exatas e biológicas, ao passo que o imperialismo econômico se dá majoritariamente nas demais ciências sociais. O processo inverso é mais raro pois, conforme apontado por Fourcade, Ollion e Algan (2015), os métodos qualitativos das disciplinas sociais não se enquadram na formalidade exigida pelos economistas.

5. Conclusão

O trabalho buscou debater as alterações na fronteira da ciência econômica, a partir de estudos que quantificaram, seja por análise das citações em periódicos ou por meio de questionários, os processos de importação e exportação de conteúdo, utilizando os conceitos de interdisciplinaridade, imperialismo econômico e imperialismo reverso. Além disso, também foi discutido o grau de homogeneidade da Economia e se ela está atravessando um processo distinto, no qual sua expansão de conteúdo tem acontecido antes da formação de um consenso interno na disciplina.

Com base nos resultados exibidos por esses estudos, pode-se concluir que, em termos de temas e assuntos pesquisados, o *mainstream* da Economia está mais heterogêneo atualmente do que era há duas décadas atrás, influenciado, inclusive, pelo aumento da interdisciplinaridade e, portanto, do imperialismo reverso. Entretanto, o núcleo da ciência econômica manteve-se unido por conta do crescimento do empirismo. Assim, ainda que sejam diferentes em relação ao conteúdo, os trabalhos de Economia mais recentes são bastantes semelhantes em sua forma.

Como apontado por Fernandez (2012), o crescimento do empirismo e o consenso formado em torno dele foram responsáveis por uma nova configuração de imperialismo econômico: o imperialismo econométrico. Esse imperialismo econométrico tem se apresentado, inclusive, mais intenso que o avanço da multidisciplinaridade dentro da Economia. Enquanto o aumento do imperialismo reverso se dá principalmente em disciplinas das ciências exatas e biológicas, o

imperialismo econômico (e econométrico) ocorre mais intensamente nas demais ciências sociais, embora também exista nas áreas de exatas e biológicas.

Referências

- ANGRIST, Joshua; AZOULAY, Pierre; ELLISON; Glenn; HILL, Ryan; LU, Susan Feng. **Inside Job or Deep Impact?** Using Extramural Citations to Assess Economic Scholarship. NBER Working Paper Series n.23698, 2017.
- COLANDER, David. **Moving Beyond the Rhetoric of Pluralism:** suggestions for an “inside-the-mainstream” heterodoxy”. Middlebury College Economics Discussion Paper, n.9, 2009.
- COLANDER, David. **The Making of an Economist Redux.** Journal of Economic Perspectives, 19:1, p. 175-196, Winter 2005.
- DAVIS, John B. **Economic Imperialism Versus Multidisciplinarity.** STOREP Conference, Plenary Lecture, Junho de 2015.
- DAVIS, John B. **The Turn in Economics and the Turn in Economic Methodology.** Journal of Economic Methodology, 14:3, p. 275-290, 2007.
- DAVIS, John B. **The Turn in Economics:** Neoclassical Dominance to Mainstream Pluralism? Journal of Institutional Economics, 2:1, p. 1-20, 2006.
- FERNANDEZ, Ramón García. **A Metodologia como Argumento para uma Economia Pluralista.** O Brasil e a Ciência Econômica em Debate, vol 2, p. 137-152, 2012.
- FINE, Ben. **Economics Imperialism and Intellectual Progress:** The Present as History of Economic Thought? History of Economics Review, 32:1, p. 10-35, 2000.
- FOURCADE, Marion; OLLION, Etienne; ALGAN, Yann. **The Superiority of Economists.** Journal of Economic Perspectives. 29:1, p. 89-114, 2015.
- HALL, Peter A.; TAYLOR, Rosemary C.R. **As três versões do Neo-Institucionalismo.** Lua Nova, n.58, p. 193-222, 2003.
- LAZEAR, Edward P. **Economic Imperialism.** NBER Working Paper Series n.7300, 1999.
- LEE, Frederic S. **The Pluralism Debate in Heterodox Economics.** Review of Radical Political Economics, vol. 43, n.4, p. 540– 551, 2011.
- LYNN, Freda B. **Diffusing through Disciplines:** Insiders, Outsiders and Socially Influenced Citation Behavior. Social Forces, 93:1, p. 355-382, 2014.
- MÄKI, Uskali. **Economics Imperialism.** Concept and Constrains. Philosophy of the Social Sciences, 39:3, p. 351-380, 2009.
- MARQUÉS, Gustavo; WEISMAN, Diego. **Is Kuhnean Incommensurability a Good Basis for Pluralism in Economics?** In: GARNETT, Robert; OLSEN, Erik K.; STARR, Martha (Org.) ;. London: Routledge, p. 74-86, 2010.
- MIROWSKI, Phillip. **More Heat than Light:** Economics as Social Physics, Physics as Nature’s Economics (Historical Perspectives on Modern Economics). Cambridge University Press, 1989.

NEVES, Vítor. **Economics and interdisciplinarity: an open-systems approach.** Brazilian Journal of Political Economy, 37:2, p. 343-362, Abril-Junho de 2017.

THÉRET, Bruno. **As Instituições entre as Estruturas e as Ações.** Lua Nova, n.58, p. 225-254, 2003.